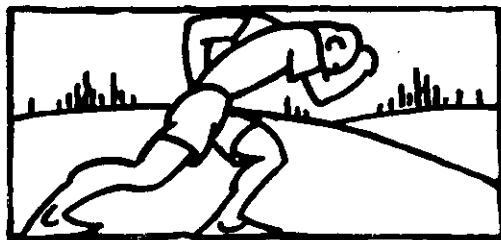


# O QUE EU VI E PENSEI



## NA M A R A T O N A

Quatro anos antes

Começarei fazendo um pouco de história, para que se veja como foi crescendo em nós — falo por mim e por Stirling — a convicção de alcançar o triunfo na maratona dos jogos olímpicos.

Si me resolvi a participar em Los Angeles foi autorizado pelas vitórias obtidas durante a minha excursão pela Europa em 1931.

Antes, há alguns anos, já pensava disputar essa prova com esperanças de obter louros, mas não agora, e sim nos jogos olímpicos de 1936. A sorte quiz apressar este grande acontecimento de minha vida desportiva.

Outubro de 1931

Encontrando-me em Viena, recebi um convite de Berlim para correr 25 quilômetros e inicii o meu treinamento em corridas de 15 e 20 quilômetros. Pouco antes de partir me anunciaram da capital alemã que aquele torneio havia sido suspenso. Stirling aproveitou a circunstância de me encontrar em forma para que tentasse bater o record de 30 quilômetros, para o qual completei meu treinamento sobre 15, 20 e 25 quilômetros. Em 10 de Outubro realisei a tentativa com bom êxito e oito dias mais tarde corri os cinco quilômetros, que ganhou Kusocinsky. Em realidade não contava com grande chance, pois meu treinamento não era o mais adequado para uma distancia tão curta. Nos trajetos maiores alcancei triunfos que paulatinamente foram robustecendo meu otimismo. Uma semana depois de correr os 5.000 m. s. conquistei o record dos 10.000 metros, batendo Bratislara campeão nacional.

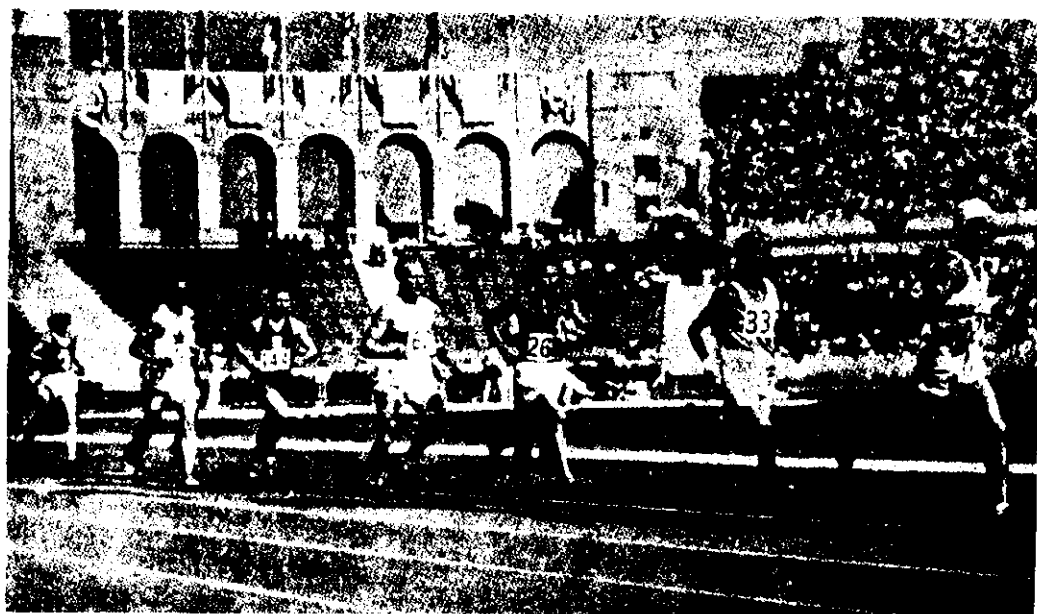
Não havia corrido nunca uma maratona e a oportunidade se me apresentou em 28 de Outubro, quando me impuz na de Kosice, melhorando todos os records do percurso. Minha alegria e a de Stirling era grande, plenamente justificada, porque a maratona de Kosice esta conceituada como a mais importante da Europa.

Alguns técnicos e atletas veteranos puzeram seus temores sobre minha saúde, si continuasse submetendo meu fisico á provas de tal envergadura. Entre esses comentários devo citar o de Geo André, critico de grande prestigio, que me deu a sentença: se continuar correndo maratonas, dentro de pouco tempo se encontrará na lista dos mortos. E extendia suas criticas a Stirling. Surpreendeu-me o artigo de Geo André, principalmente porque entre nós existia tão sómente conhecimento de uma apresentação accidental, encontrando-me vestido com trajes de rua. Não me havia visto na pista. Afirmei então os meus desejos de ganhar a maratona olimpica e agora, depois de ter conseguido, desejava saber se por acaso teria morrido sem me dar conta.

Novembro de 1931

Tendo em conta que os melhores corredores europeus tinham participado da maratona de Kosice, aumentaram minhas esperanças, animado sempre pelas opiniões francamente favoraveis de Stirling o único homem que ouço com todo respeito.

Em 8 de Novembro tomei parte na corrida da hora, melhorando o record americano, pois cobri 18 quilômetros e 600 metros. Quatro dias mais tarde se disputava a final da Copa Européa, entre Viena e B. A. C.



- P O R -  
J U A N  
C A R L O S  
Z A B A L A

Dada a ordem de partida, apurei o passo e tomei a dianteira

Convidaram-me para tomar parte dando handicap e aceitei. Legalmente obtive a vitória, mas devido a uma grande quantidade de competidores e á desordem que em tais circunstancias dificulta a tarefa de fiscalisação, os juizes se enganaram dando o triunfo a outro que havia corrido uma volta menos. Com todos meus adversarios dessa prova me encontrei em 15 de Novembro em Nova Viéna. Eram 5.000 metros; tambem dei handicap e ganhei.

Europa - Buenos Aires - New York

Aproximava-se o desenrolar dos jogos olimpicos e com êle aquélla minha esperança que guardára como um sonho. Passava-se algo extranho: possuía uma fé completa, mas nenhum momento me puz á analisar a minha chance na maratona de Los Angeles. Preferi deixar chegar a ocasião. Foi necessario regressar á Buenos Aires onde me receberam admiravelmente, pelo que redobrei meus trabalhos. Fiz exhibições em La Plata, Baía Blanca e Rosario, tomando parte em 30 de Abril

satisfação e um novo estímulo: venci batendo, no percurso, 12 records nacionais e 6 do mundo.

Em Los Angeles

Partimos para Los Angeles em 13 de Junho, chegando dois dias mais tarde e á 18 tomei parte numa prova de 10 quilometros, muito pitoresca por certo: todos meus adversarios eram indios. Ganhei com máu tempo de 33' 24".

Encontrava-me já no que poderíamos chamar o vestibulo da maratona. Sob a zelosa vigilancia de Stirling e orientado por seus conselhos, continuava treinando. Independentemente disso, continuava vendo a maratona, pensando na maratona, mas sempre de fórma imprecisa, nebulosa: sem vêr e sem pensar. Desejaria fazer-me entender...

Os pés desfeitos

Um sério contratempo sofreu na "Maratona Times", corrida em 25 de Junho. Sempre se aprende alguma cousa... Nêsse dia aprendemos que em Los Angeles não

mesmo Nurmi, em quem encontrei uma amabilidade que todos lhe negavam, me assinalou o rival mais perigoso: era um compatriota seu: Toivonen! "Se você correr com a cabeça, o ganha" me disse Nurmi.

Outros adversarios de muito valor e que mereciam muito cuidado eram o japonезes. E dos ingleses como se sabe, há que desconfiar sempre porque se calam. Ninguém sabe o que se passa. Estes eram os principais, os mais perigosos, porque, naturalmente, todos eram bons desde que lá tinham ido representando seus países.

"Depois falamos"

Quando estava proximo da maratona foi quando menos pensei nela. Nêsse dia cheguei ao Estádio e me vesti tranquilamente. Stirling estava ao meu lado. Se alguém disse que o fáto de correr uma maratona significava fazer um sacrificio, eu tinha confiança em que me sacrificaria com proveito. Pronto já, estirei-me numa tarimba? afastei meu pensa-



Nas dez milhas, o campeão Canadense correu ao meu lado duas milhas, findas as quais "fiquei"

no campeonato Rio Platense, no qual consegui marcar o record sul-americano dos 5.000 metros em 14, 55,...

Essa foi a minha despedida do público. Três dias após partimos para os Estados Unidos. Chegámos á 20 de Maio e em 29 do mesmo corri 10.000 metros em New York, dando vantagem. Consegui impôr-me assinalando o record americano com 31' 26". Tudo isto entrará nos meus planos de ir me preparando metódicamente para a difficilissima empresa de Los Angeles. Aos poucos tinha oportunidade de ir conhecendo meus proximos adversarios. Em 4 de Junho voltei a correr 10.000 metros com handicap. Entre meus rivais figurava o alemão de Bruyn. Obtive o triunfo, não obstante marcar somente 32' 5".

A todas estas, Stirling tinha uma só frase, que se me figurava amplamente significativa:

Vamos bem; mas há que seguir...

Em Chicago se realisou o Campeonato Estadunidense das quinze milhas, e nêle me inscrevi. Efetuou-se em 11 de Junho, constituindo para mim outra

se podia correr senão com sapatos especiais, para combater o excessivo calor do sólo. Não sabíamos ainda, e nas 22 milhas, quando levava dez minutos de vantagem sobre meus adversarios, Stirling me obrigou á abandonar a prova; sapatos, goma e carne formavam uma só massa informe. Meu diretor teve que tirar-me á força; eu queria seguir apesar de tudo. Depois reconheci que se não tivesse obedecido não teria ganho nos jogos olimpicos.

Fiquei preocupado. Observava meus pés e pensava no treinamento. Quinze dias perdi por êsse motivo e quando voltei ao "training" terminava cada sessão com as meias todas manchadas de sangue. Ainda tenho um sem unhas... Naturalmente apareceram numerosos artigos, afirmando que eu já não poderia correr mais. Eu estava muito longe de pensar nisso: continuava imaginando vagamente o desenvolvimento de corrida olimpica.

E chegou 7 de Agosto!

Trinta e cinco atletas figuraram na corrida de maratona. Paavo Nurmi, o

mento da prova. Já teria que pensar muito durante a corrida.

Chega o momento de entrar na pista. Pondo-me uma mão sobre o hombro, Stirling me disse umas palavras que nunca esquecerei: "Agora não falamos nada. Depois falamos". Nos abraçamos, fomos correr a maratona. Há alguma cousa mais a dizer?... Depois, a caminho da partida, escutei esta última frase do meu mestre: "Si não se ganha esta vez, seguimos quatro anos mais, e se ganhas, podes fazer o que queiras".

Quando cheguei á linha de partida, saudei aos meus proximos rivais. Rapidamente os fui analisando, enquanto lhes dava a mão. Pareceu-me melhor correr, não obstante todos estarem sérios. Das tribunas chegaram vozes argentinas, parecendo-me que dominava a de Stirling, possivelmente porque eu a sinto mais.

Pensei, em todos êles, no grupo dos patricios que ali estavam com a bandeira argentina, a quem devia satisfazer seus anseios. Mas pensei, principalmente "nos de lá", nos de meu país.

Não esquecia que quando parti de

todas estas não me havia dado conta do trem da corrida que levava. Parecia-me que ia devagar. Sterling que ia num auto com Zorilla, Peres Echer e Amado, me determinou diminuir. Julguei obedecê-lo, mas a verdade é que continuei da mesma fôrma, até que em 2.º contróle recebi a mesma ordem.

#### A unica voz

Constava-me que podia seguir perfeitamente nêsse trem. Nêsse momento me lembrei do que havia feito correr De Bruún entre os demais corredores: que ninguém tentasse seguir-me, porque eu era capaz de qualquer loucura e ficaria desfeito pelo caminho. Mantinha a deanteira, confiado sempre na vitória. O publico amontoado dos dois lados da rua, em numero superior a um milhão e duzentas mil pessoas dava a impressão de que nos tinham obstruido o caminho. E era uma ovação ininterrupta, um aplauso que correu connosco a maratona, ampliando-se a medida que avançava. Nos estimularam todos idiomas. Dos mexicanos, que abundaram, partiam vozes em castelhano. Eu nada ouvia, nada sentia, embebido em minha atuação. Sómente escutava atento quando reconhecia a voz de Sterling. Não sei como, instintivamente, ouvia com claridade suas palavras, no meio do vozerio. Depois, os demais podiam dizer-me qualquer cousa.

#### Ia cumprindo

A's 5 milhas o mexicano passou para trás e ás 10 começou a luta com o canadense. Estava seguro das minhas forças e aceitei o desafio. Seguimos juntos até as 12 milhas. Nessa altura elle tambem



*A uma quadra do estadio, já com o triunfo assegurado, só tinha um pensamento: A Patria e os amigos*

Buenos Aires prometi regressar com o titulo de campeão olimpico da maratona. Se não alcançasse desta vez, não voltaria mais á minha Patria. Esperaria até 1936...

#### Inicia-se a grande corrida

A's três e meia em ponto foi dada a saída da maratona olimpica. Levava a intensão de fazer a corrida com o resto dos concorrentes, mas como vi que ninguém se animava a romper, o fiz eu, imprimindo um trem forte. Na segunda volta me passou o mexicano, mas o deixei tranquilo, sabendo que não resistiria muito. Efetivamente, aos vinte metros as suas energias se acalmaram.

O silencio do estádio era impressionante quando se deu a ordem de partida, mas logo que entramos em acção e durante as três voltas iniciais nos rodeou uma gritaria única. Um só grito de 75.000 pessoas.

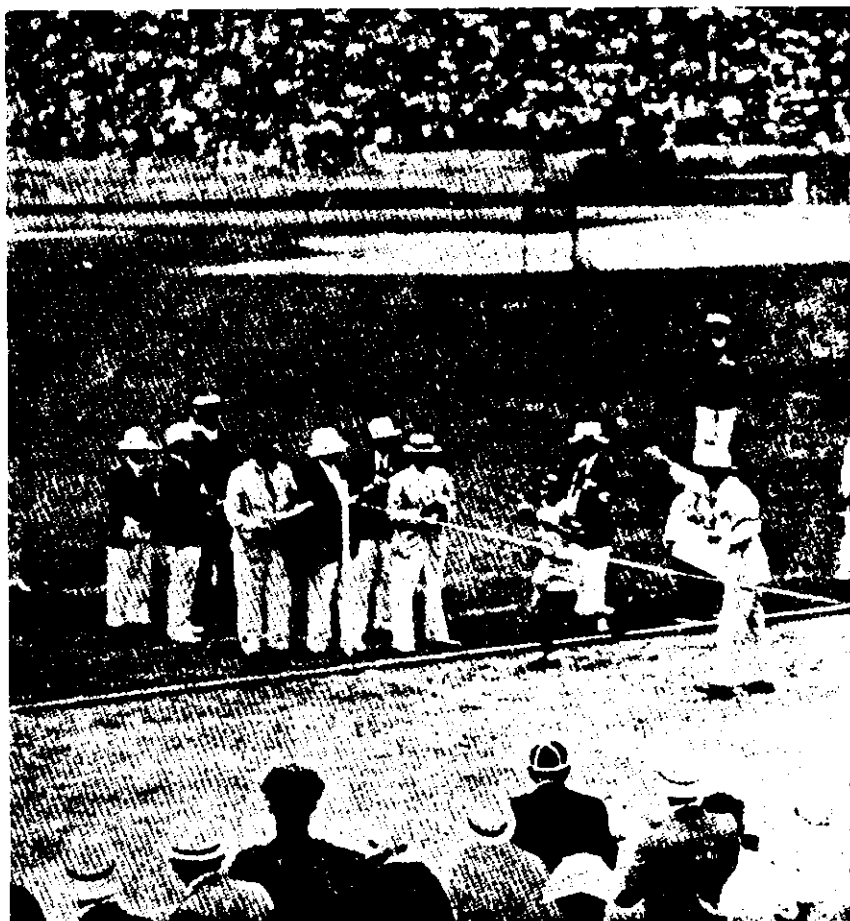
Ao cabo das três primeiras voltas a em primeiro e dobrei pelo tunel dos cem metros aproximadamente, que saê á rua.

#### Rogo intimo

Foi a primeira grande emoção da prova. Deixava a escuridão do tunel para vê-me logo, sob a enormidade do céu livre. Pareceu-me que era sómente aí donde começava a jogar meu prestigio, o do meu país e o de Stirling. Ninguém mais do que eu poderia responder do que faria.

Nêsse momento fiz um rogo intimo, fiz um pedido a meu corpo, a minha vontade para que me permitisse sair bem e dar cumprimento á minha promessa.

O corredor mexicano voltou a me apresentar combate. Empenhar-me nessa altura me pareceu uma temeridade e pensei que eu tinha muito que aprender ainda, mas êste sabia menos que eu. A



*Corri inconsciente os ultimos metros chegara; somente sabia isso: que chegara*

ficou para trás. Meu calculo iam se realizando. E periodicamente, aquélla voz surgia para mim entre todas, si bem que não fôsse tão alta como as outras. Quando venci o canadense recordei-me de todos argentinos, dos meus amigos, e do que havia prometido. Ia cumprindo.

Só continuei no primeiro posto até as 15 milhas. Então comecei o mais duro. Foi a partir daí que trabalhei intensamente. Era o finlandes Virtanen agora. Advinhei sua tática; trazia o proposito de cançar-me para favorecer Toivonen, seu compatriota. Sabedor disto, me propuz a demonstrar-lhe que estava em condições de destruir sua intensão. Fomos juntos, em trem violento, durante tres milhas.

Da multidão, entusiasmada, chegou até a mim, inexplicavelmente nitida, a ordem de Stirling:

Deixa-o! Eu havia observado o meu adversario, e por sua respiração me dei conta que muito pouco podia fazer. Deixei-lhe ir. Pobre finlandés. Nas 20 milhas passei por uma poça de sangue. Era de Virtanen, que tinha sofrido um vomito de sangue, recolhendo-lhe uma ambulancia.

#### Outro mais

Mais adiante nas 20 milhas apareceu outro mais disposto a quebrar-me: inglez Wright. Julgou que na batalha com o Finlandez me havia quebrado. Permitti que me passasse e distanciou-se, segundo Stirling, um kilometro. Eu não julgava que fôsse tanto, mas sei que não o perdia de vista. Levava meus planos da seguinte fórma: logo que entrassemos na Avenida Normandia, podia dar por ganha a corrida, graças á minha velocidade, que superava a de meus rivais. Assim passamos pelo último contróle, faltando três quilometros para final.

Venci Wright no duélio e apresentou-se então o mais terrivel: Toivonen. Recordei o conselho de Nurmi: "Si você correr com a cabeça, o ganha". Quiz fazer, possivelmente, mas nessa altura não estava em condições de raciocinar com muita lucidez. Via unicamente que aproximava o contrario. Empreguei forças sem saber donde as tirei. A luta com Virtanen e com Wright havia sido durissima. Mas a segurança da vitória me animava. Posso dizer que nesse momento me esqueci dos 24 milhas corridas.

#### A inteligência de Ferris

Sentia me encomodar o joelho e então me dei conta de um resvalão que sofri em frente a um posto de petroleo enquanto combatia com Wright. Repuz-me em seguida: só me interessava Toivonen. Consegui dobrá-lo também e dessa fórma perdeu o segundo lugar, já que o inglés Ferris lhe passou, correndo com muita inteligência. Ferris foi o corredor mais inteligente da maratona. Ganchei por mais forte, por mais resistente, mas elle correu com mais cerebro. Nessa prova me convenci de que tenho que aprender muito ainda.

#### Desconfiança animadora

Com o inglés Wright succedeu algo curioso. Alcancei o numa curva, no momento em que ele, voltando-se para os juizes do ultimo contróle perguntára: "Zabala?". Nessa fórma, apenas havia terminado de pronunciar meu nome, me encontrou a seu lado, quando menos esperava. No seu pensamento não cabia a probabilidade de que eu estivesse alli junto.

Quando venci a resistência deste, imediatamente iniciei a luta para impedir que Toivonen me passasse e já não pensei noutra coisa senão chegar ao Estádio. Desconfiança sem dúvida.

Acaso estaria bem algum outro? E essa desconfiança me animava. Influenciado por esse temor redobrei de entusiasmo. Temor talvez não tenha sido, porque nunca senti. Si duramente a corrida pensasse em derrota, estou certo que me derrotariam. Era precaução. De que me valeria todo esforço feito si fraquejasse um só momento?

tina"! as setenta e cinco mil pessoas. E então me senti menor ainda.

Recorri a metade de pista sob essa ovação formidavel que quasi me detinha quando chegou ao estádio o inglez Ferris. Ainda que já seguro do triunfo redobrei meus esforços.

#### Primeiro

Meu corpo e minha vontade respon-



Stirling, e induz-me nos braços

#### O entusiasmo dos vigias

Mantendo o primeiro lugar, cheguei novamente ao tunel. Dentro deste, corri um grave risco de ser desclassificado, por culpa involuntaria dos vigias do estádio. Contentes, seguramente, pelo fato de verem chegar na frente o mesmo que havia saído no primeiro posto — coisa que não sei porque extranha — tiveram um impeto de abraçar-me. Vendo claramente suas intensões, muito boas, mas muito perigosas, os detive com um "Não!" seco. E compreenderam. Aplaudindo-me ficaram esperando os outros.

#### "Argentina"

Nos últimos metros do tunel notei que o estádio permanecia em silencio, absoluto. Quando desemboquei novamente em pista, todo aquêl silencio se transformou num só grito, que si tivesse sido "Zabala"! talvez não me tivesse emocionado tanto. Mas gritaram: "Argen-

deram o meu rógio intimo. Os últimos metros percorri completamente inconsciente. Chegara! Sómente sabia isso: que chegara.

E já deixei de pensar e de ver... Foram chegando os outros. Houve desesete desistencias durante a corrida. Desportistas dignos um por um aproximaram-se de mim para felicitar-me.

Como um sonho passou a imponente cerimonia oficial. Tocou o hino argentino. Dizem que parecia um fox-trot, mas a mim nunca me pareceu mais lindo.

O estádio, na vez em silencio, estavam todos agitados. A bandeira argentina subiu ao alto do mastro central.

Nunca me senti tão pequeno como diante desse tribuna tão grande. Havia em mim uma onda de satisfação, uma grande serenidade; já podia voltar á minha patria, com a promessa cumprida!

Momentos após, Stirling e eu voltamos a nos abraçar. Perguntei-lhe então: Falamos agora? E sómente me respondeu com outra pergunta:

Como houve?